

ANIMO FESTAS: QUANDO O TRASH É POP

Por Julia Guimarães¹

Em repertório há quase 10 anos, o espetáculo *Animo Festas*, do artista Marcio Douglas (La Cascata Cia. Cômica/São José dos Campos), não apenas já foi visto por muita gente como acumulou, no decorrer desse tempo, uma verdadeira legião de fãs. Após a apresentação realizada na última quinta-feira (7), no 37º Festivale, diversas pessoas da plateia que ficaram para o bate-papo com o ator relataram já ter assistido muitas e muitas vezes à saga anti-heroica do decadente palhaço Klaus.

De fato, o espetáculo é daqueles que possuem um poder de atração difícil de explicar, sobre o qual gastamos adjetivos cheios de clichês pela pura incapacidade de determinar por que, afinal, algumas obras são tão fascinantes. Depois de ter visto o trabalho duas vezes – e me deliciado em ambas – é a este exercício que me proponho aqui. Por que *Animo Festas* é tão prazeroso de assistir?

A começar pelo título, a montagem já diz a que veio. O espetáculo narra a trajetória nada gloriosa de um palhaço que, após ter se desiludido profundamente com sua atividade profissional de animador de festas infantis, decide vingar-se. Com um humor ao mesmo tempo ácido, pop, debochado e politicamente incorreto, o palhaço Klaus conquista a plateia ao romper incessantemente os limites do bom senso e as expectativas sobre o que se espera dele, sobretudo quanto ao nosso imaginário acerca das relações entre palhaços e crianças.

No lugar de uma figura lúdica e pueril, surge um clown ogro, fumante, alcoólatra, um ícone maldito e marginal, espécie de versão sombria do submundo das festas infantis. As crianças, por sua vez, no jogo cômico de inversão, são vistas por ele como as grandes vilãs de sua história, responsáveis por pisotear, humilhar e

¹ Crítica teatral, professora, pesquisadora e jornalista. É coeditora do site Horizonte da Cena (horizontedacena.com), pós-doutora em Artes Cênicas pela UFMG e concluiu seu doutorado na USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

quebrar palhaços. Sem se preocupar com o que seria o “correto” nesse tipo de abordagem, o palhaço de *Animo Festas* faz o oposto: relata em cena histórias de crianças cruéis, agressivas, mimadas, que não aceitam perder. Versões mirins de seus próprios pais, aqueles que financiam o trabalho dos palhaços animadores de festa, e se sentem, por isso, no direito de realizar com eles toda sorte de abusos e perversidades.

Num ambiente *kitsch* repleto de balões, luzes coloridas, cabeças de bonecos e de caveira, ao som de música pop dos anos 1980, Klaus nos surpreende ao revelar em cena também suas crises existenciais. Com uma maquiagem carregada de olheiras, chapeuzinho de festa na cabeça e seu eterno cigarrinho na mão, a figura criada por Marcio Douglas se vê sempre na mais absoluta solidão quando interpelado por uma repetida pergunta: “Palhaço, você é feliz?”. Aqui, a decadência se traduz pelo som da canção francesa “Ne me quitte pas (“Não me deixe”) e pelo único foco de luz da cena voltado à lenta ação do palhaço de fumar seu cigarro.

Essa atmosfera *trash* que atravessa tanto a dramaturgia quanto a estética do espetáculo adquire ainda uma contundente conotação crítica quando percebemos que as angústias daquele palhaço se relacionam, em um contexto mais amplo, às péssimas condições de trabalho características das sociedades contemporâneas. Do camarim improvisado num banheiro com produtos de limpeza às agressões de pais e crianças que se sentem confortáveis em humilhá-los pelo simples fato de que estão pagando pelos seus serviços, as situações vividas pelo resiliente palhaço Klaus podem ser lidas como metáfora hilariante e cruel para o estágio agudo de precarização do trabalho no mundo atual. De algum modo, estão presentes na dramaturgia da peça todos os aspectos que caracterizam esse cenário, como a má-remuneração, os vínculos frágeis com os empregadores, a ausência de direitos trabalhistas e de condições laborais mínimas.

Há outro elemento igualmente explorado na dramaturgia que faz desse clown uma figura irresistível. É que ele não apenas ultrapassa todos os limites do bom comportamento, não apenas sintetiza toda uma complexa teia de relações trabalhistas precarizadas, como também é o palhaço que se *vinga* de tudo isso. Nesse sentido, o lugar da ira no espetáculo funciona como válvula de escape a todo esse sentimento coletivo de frustração, desaguadas não sob a forma de protesto, mas pela gargalhada escancarada, numa espécie de catarse coletiva.

Ao valer-se da amoralidade e do escárnio como respostas ao seu ressentimento, Klaus se transforma num anti-herói. Faz do sarcasmo sua filosofia de vida, ao mesmo tempo em que continua a se dar mal a cada nova aventura pelo universo das festas infantis. E é justamente ao extrair riso de seu próprio fracasso e vulnerabilidade que o palhaço Klaus se torna cada vez mais pop e adorado por onde passa.